

INSTITUTO
Documentação
OCIOAMBIENTAL
Fonte: *Veja*
Data: *24/4/1996* Pg *94-97*
Class: *45*



Anna Roosevelt, em campo: "Será preciso rever o padrão normalmente aceito"

ARQUEOLOGIA

Os paleobrasileiros

Uma pesquisa da arqueóloga Anna Roosevelt mostra que a ocupação da Amazônia é pelo menos tão antiga quanto a da América do Norte

EURÍPEDES ALCÂNTARA, de Nova York

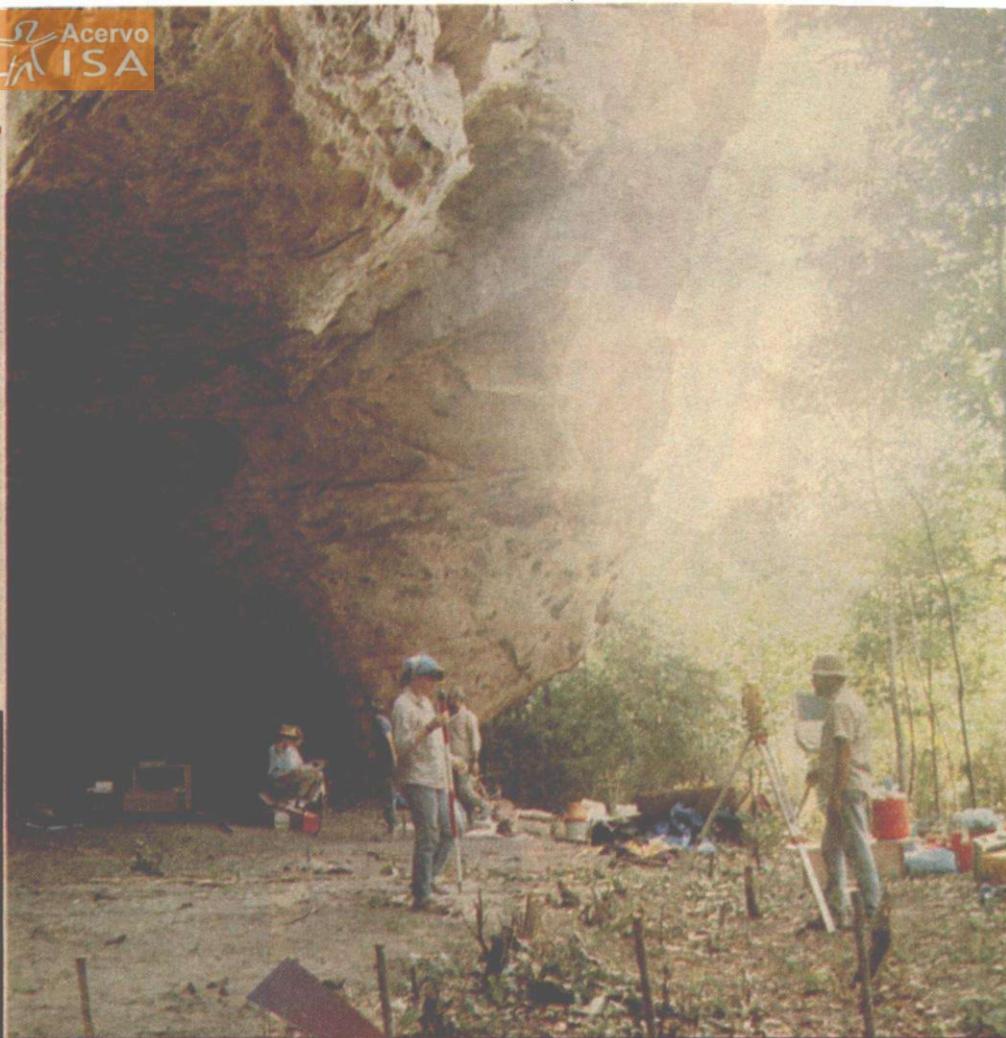
A globalização chegou com 11 000 anos de atraso — pelo menos para os interesses da civilização que ocupava a Amazônia brasileira, numa larga faixa de terra firme que se espalha ao longo do Rio Amazonas, cerca de 700 quilômetros a oeste de onde hoje fica a cidade de Belém. Os brasileiros pré-históricos daquela região, atesta a arqueóloga americana Anna Roosevelt, pesquisadora da Universidade de Illinois, em Chicago, sustentaram-se com uma economia estável e produziram uma cultura e tecnologias bastante superiores às de seus primos da

América do Norte. Num artigo de capa publicado na semana passada pela *Science*, uma das revistas científicas de maior prestígio no mundo, Anna Roosevelt mostra que os paleoíndios da Amazônia — ou seja, os índios que habitavam a Amazônia no final do período paleolítico — tiveram razoável dianteira civilizatória sobre os demais habitantes da América pré-colombiana. Aqueles homens e mulheres, avós dos índios brasileiros, moraram em cavernas confor-

táveis e protegidas, tinham uma dieta mais saudável e produziram cerâmicas, pinturas rupestres e pontas de flechas que, pelo estilo e eficiência, só podiam ser encontrados no mesmo período na Europa e no Japão. Por milhares de anos, ufana-se nosso coração moderno, os brasileiros foram os mais chiques, ricos e, talvez, os mais poderosos povos americanos.

Como convidada do Museu Emílio Goeldi, de Belém, e de outras instituições brasileiras de pesquisa, Anna Roosevelt há duas





FOTOS A. C. ROOSEVELT

Gruta da Pedra Pintada: paleoíndios da Amazônia em diante civilizatória

Eles teriam fincado suas aldeias na América do Norte, estabelecendo-se como ferozes caçadores de mamutes e outros grandes animais. Só muito depois, quando a caça escasseou, os pioneiros teriam iniciado as migrações rumo ao sul, descendo o continente no ritmo de 16 a 20 quilômetros por geração.

São necessárias duas condições básicas para que o esquema tradicional se mantenha. Primeiro, é preciso que os sítios arqueológicos da América do Norte sejam mais antigos do que os da América do Sul. Segundo, é obrigatório que a cultura dos paleoíndios sul-americanos, materializada principalmente em seus artefatos de caça feitos de pedra e, portanto, mais bem conservados, seja de alguma forma relacionada com a de seus prováveis antepassados do norte. Escavações recentes, como as dirigidas por Anna Roosevelt, têm produzido evidências totalmente diferentes. “Nosso trabalho e o de outros pesquisadores em sítios arqueológicos do Brasil, Chile, Peru e Venezuela mostram uma ocupação pelo menos tão antiga quanto a da América do Norte por povos que definitivamente não compartilhavam a mesma cultura”, afirma Anna Roosevelt. “Será preciso rever o padrão normalmente aceito para a povoação das Américas.”



décadas vem escavando a região em busca de chaves para os enigmas remotos do passado pré-colombiano do homem americano. Entre esses enigmas encontra-se, claro, o desafio de entender por que, depois de largar na frente, a civilização amazônica, nas últimas centenas de anos que precederam a chegada dos colonizadores europeus, perdeu o fôlego tecnológico, sendo superada pelos povos andinos e da América Central.

NOVAS EVIDÊNCIAS — O artigo da revista *Science* é assinado também pelos brasileiros Marcondes Lima Costa, geólogo

do centro de geociências da Universidade Federal do Pará, a arqueóloga Maura Imázio da Silveira, do Museu Emílio Goeldi, e a pesquisadora Cristiane Lopes Machado. O resultado do trabalho deles é mais uma evidência das tantas que vêm sendo juntadas nos últimos anos: há algo de errado com o esquema tradicional da povoação primordial das Américas. A maioria dos cientistas acredita ainda que os primeiros homens chegaram ao continente americano vindos da Ásia pelo Estreito de Bering, no final da idade do gelo, entre 50 000 e 12 000 anos atrás.

PINTURAS E FLECHAS — A arqueóloga americana, bisneta de outro famoso explorador dos trópicos brasileiros, Theodore Roosevelt, presidente dos Estados Unidos de 1901 a 1909, é mais uma da família a ceder à paixão pela floresta tropical (veja quadro à pág. 96). Ela encontrou na caverna da Pedra Pintada, em Monte Alegre, no Pará, pontas de flechas de pedra num formato diferente das setas produzidas pelos paleoíndios norte-americanos. Além disso, deparou com belíssimas e intrigantes figuras pintadas nas paredes da caverna. Os índios pré-históricos do norte, comumente catalogados pelos pesquisadores como pertencentes à cultura Clovis, nome de uma caverna no Novo México onde foram encontrados os mais ricos e antigos indícios de colonização primitiva, não conheciam as técnicas da pintura rupestre. Num trabalho anterior, feito na Ilha de Marajó, a equipe de Anna Roosevelt já havia encontrado cerâmicas pré-históricas de 8 000 anos de idade, igualmente únicas entre as culturas americanas pré-colombianas daquele período.

“O que se tem agora é uma questão aberta no que diz respeito à ocupação pri-

mitiva das Américas”, diz Vance Haines, arqueólogo da Universidade do Arizona, especialista em povos pré-históricos da América do Norte. “Já não me surpreendo com as evidências de que havia gente no sul do continente antes do florescimento da cultura Clovis.” O trabalho de Anna Roosevelt não é o primeiro a sugerir a ocupação da América do Sul em tempos tão remotos. É apenas o mais exato e irrefutável. Anna Roosevelt mandou datar os milhares de peças coletados, através das mais modernas técnicas, em pelo menos cinco laboratórios diferentes. Antes delas foram encontrados e datados sítios arqueológicos no Peru, Chile, Venezuela e até um no Brasil com 50 000 anos de idade. A diferença é que o material coletado naqueles sítios, em geral, estava “contaminado”, o que, no jargão dos arqueólogos, significa que é impossível precisar a idade ou a origem humana do material estudado.

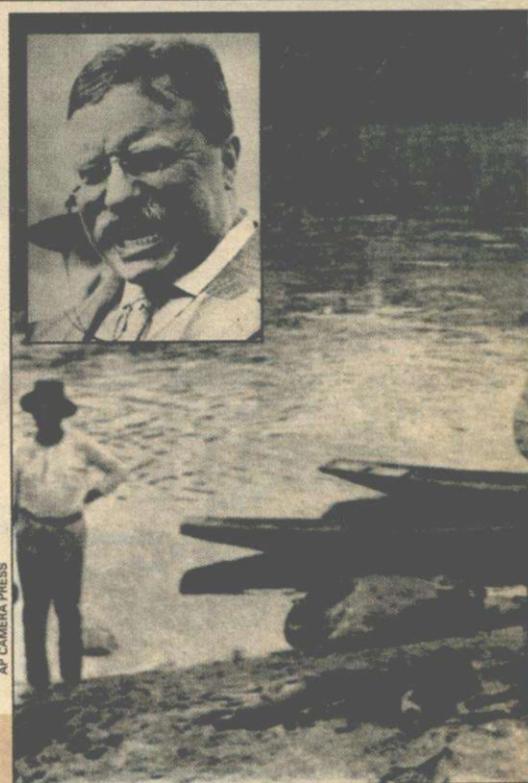
FOTOS A. C. ROOSEVELT



OCEANO — O caso mais polêmico envolve as escavações da arqueóloga brasileira Niède Guidon. Ela garante ter encontrado na gruta da Pedra Furada, no Piauí, os restos fossilizados de uma fogueira que teria sido feita por seres humanos há 47 000 anos. Seus estudos poderiam ter revolucionado a arqueologia americana, mas nunca foram levados a sério pela ortodoxia científica. Há dúvidas sobre a origem do carvão coletado. Para a maioria dos cientistas que examinaram o material, o carvão coletado por Niède Guidon foi resultado de um dos freqüentes incêndios espontâneos das matas primitivas. Nada teria de humano, portanto.

Niède Guidon lançou-se apressadamente em conclusões mirabolantes sobre

suas datações — o que contribuiu para o descrédito das escavações. “O homem veio da Ásia para a América pelo Oceano Pacífico ou da África pelo Atlântico”, sustentava a arqueóloga brasileira. Anna Roosevelt é bem mais veemente na refutação das conclusões de Niède Guidon. “Não existem indícios de que qualquer povo pré-histórico se tenha lançado em navegação em oceano aberto”, diz a arqueóloga americana. Como explicar então que as datações mais antigas tenham sido feitas em sítios arqueológicos da América do Sul e não da América do Norte? As respostas variam. Betty Meggers, da Instituição Smithsonian, em Washington, considerada a guardiã da ortodoxia arqueológica, acha que os sinais mais antigos de colonização pré-histórica estão mesmo na América do Norte e serão encontrados cedo ou tarde. A hipótese mais aceita é de que o homem chegou à América vindo da Ásia, pela



AP CAMERA PRESS

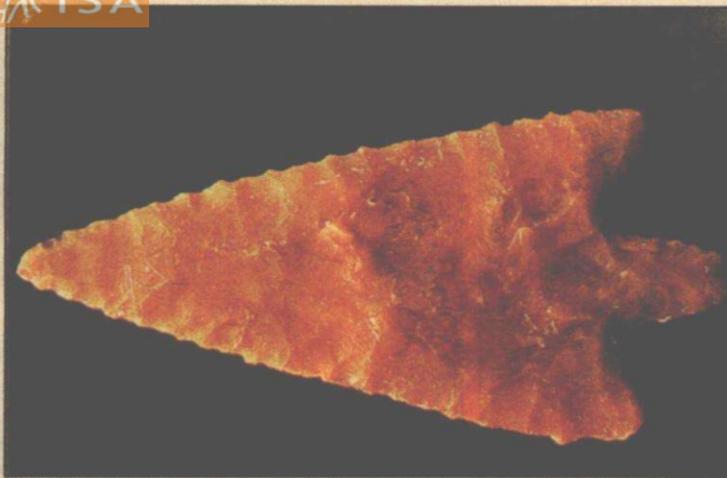
Clã de exploradores

A família Roosevelt tem uma queda histórica pelas imensidões da Amazônia. Não necessariamente pelas mesmas razões. O patriarca do veio exploratório do clã, Theodore Roosevelt, ou “Ted”, foi presidente dos Estados Unidos de 1901 a 1909, quando o país se reconheceu como imperialista. Na época de Roosevelt, isso era elogio. Ele próprio se definia como defensor

do imperialismo. Quatro anos depois de deixar a Casa Branca, organizou uma expedição a uma região que considerava “área de influência” de seu país, a Amazônia brasileira. Os biógrafos garantem, porém, que o interesse de Roosevelt pela vida na selva e seu desejo de se colocar “fisicamente à prova” foram os fatores determinantes da viagem. A Expedição Roosevelt de 1914 explorou o Rio da

Theodore Roosevelt, no destaque e...

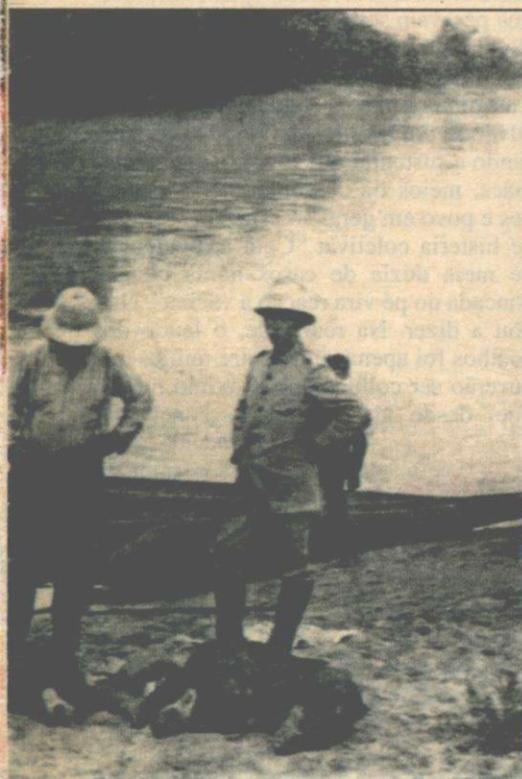
Dúvida, no interior de Rondônia. Foi uma expedição tormentosa. Roosevelt contraiu malária, passou fome e foi atacado pelos índios. Um de seus ajudantes teve o pé devorado por piranhas. Ted Roosevelt nunca se recuperou totalmente da aventura na floresta. Ele morreu cinco anos depois.



➤ Seta triangular de quartzo encontrada na caverna: o formato e as técnicas de lascas não têm similar nas Américas, mas em sítios arqueológicos europeus

➤ A enigmática figura invertida com cabeleira de sol: para Roosevelt, são marcações astronômicas

➤ Figuras humanas e de animais: testes com corantes mostraram que elas têm cerca de 11 000 anos



...no centro: malária e ataque de índios

Sua bisneta, Anna Curtenius Roosevelt, de 50 anos, estudou com cuidado as incursões do antepassado pelo mato do Brasil. Decidiu que havia muita aventura, alguma política e nenhuma ciência. Ela decidiu se armar teoricamente primeiro antes de se lançar a campo. Veio a convite e chutando o pau da barraca de outros

ponte de gelo que uniu os dois continentes, no Estreito de Bering. Cruzou-o, entretanto, numa época mais remota — 30 000 ou até 50 000 anos atrás. Teria vindo também em levas sucessivas.

Anna Roosevelt tende a acreditar mais nessa última hipótese. Ela sugere que as populações amazônicas, cujos sinais encontrou na caverna da Pedra Pintada, migraram para o sul sem ter tido contato com os caçadores de mamutes americanos. “Provavelmente eles vieram da Ásia em épocas diferentes e desceram o continente pela costa, usando barcos e fixando-se brevemente em regiões costeiras, hoje inundadas pelo mar. Isso explicaria por que há poucos sinais da jornada para o sul”, esclarece. Embora a caverna da Pedra Pintada já fosse conhecida dos naturalistas há quase 100 anos, ela havia sido apenas superficialmente explorada. O trabalho de escavação da equipe de Anna Roosevelt foi bastante completo. Foram

pesquisadores. Em 1992, numa saborosa briga com seus rivais de pesquisas na Ilha de Marajó, os americanos Betty Meggers e Clifford Evans, Anna acusou-os de pertencer à CIA e de ter outros interesses no Brasil, além da pura investigação científica. Mais tarde, desculpou-se das acusações informando que Meggers e Evans pertenceram a OSS, a instituição que deu origem à CIA. A OSS, ao contrário da CIA, segundo Anna, não se metia em espionagem.

arrancados do chão milhares de lascas de pedra trabalhada, carvão, restos de ossos de animais fossilizados e pigmentos que serviram para pintar as paredes da caverna. Além da questão intrigante das datas e do sentido das migrações, o estudo de Anna Roosevelt jogou um raio de luz sobre como viviam os povos pioneiros da Amazônia brasileira. Eles eram caçadores de pequenos animais e coletores de frutas. No auge de sua civilização, chegaram a abrigar cerca de 300 000 indivíduos. A conclusão mais fascinante é de que eles tiveram influência decisiva na determinação da diversidade biológica da Floresta Amazônica naquela região. O que hoje se admira como uma dádiva natural tem o dedo produtivo do homem. “Não é por capricho da natureza que a floresta ali é rica em árvores frutíferas”, diz Anna Roosevelt. “Isso se deve em boa parte ao cuidadoso trabalho de seleção das espécies feito pelos paleoíndios.” ■

Outro bisneto de Ted Roosevelt, Tweed, primo de Anna, também seguiu os passos do bisavô no Brasil. Há quatro anos, ele fez o trajeto da expedição original do ex-presidente americano acompanhando o curso do rio hoje rebatizado de Rio Roosevelt. Tweed, um analista financeiro, pretende agora montar uma empresa que organize excursões regulares à Amazônia para estudantes e exploradores amadores.